



Perfil Socioeconômico Municipal e Aspectos Geoambientais do Baixo São Francisco 2023

Neison Cabral Ferreira Freire
Rose Mary Ferreira Pereira Gomes
(Org.)



Neison Cabral Ferreira Freire
Rose Mary Ferreira Pereira Gomes
(Org.)

Silvânia da Rocha Medeiros Vila Nova
Débora Coelho Moura
José Iranildo Miranda de Melo
Josilene de Lima Santana
Rodrigo Matheus da Silva Brito
Mariana Cavalcante Lins
Mayra Adeilma Silva Rodrigues de Barros
Eduardo de Oliveira da Silva

Perfil Socioeconômico Municipal e Aspectos Geoambientais do Baixo São Francisco 2023



Maceió
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor
Josealdo Tonholo

Vice-reitora
Eliane Cavalcanti

Diretor da Edufal
José Ivamilson Silva Barbalho

Núcleo de Conteúdo Editorial
Fernanda Lins de Lima
Larissa Carla dos Prazeres Leobino
Mariana Lessa de Santana
Sâmela Rouse de Brito Silva

Revisão de Língua Portuguesa
Iara Maria Melo Nascimento

Normalização (ABNT)
Iara Maria Melo Nascimento

Capa, projeto gráfico e diagramação
Iara Maria Melo Nascimento

Conselho Editorial Edufal
José Ivamilson Silva Barbalho
(Presidente)
Fernanda Lins de Lima
(Secretária)
Amaro Hélio Leite da Silva
Anderson de Alencar Menezes
Bruno César Cavalcanti
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Flávio Augusto de Aguiar Moraes
Janayna da Silva Ávila
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Marcos Paulo de Oliveira Sobral
Mário Jorge Jucá
Murilo Cavalcante Alves
Rachel Rocha de Almeida Barros
Victor Sarmento Souto
Walter Matias Lima

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Coordenadores
Emerson Soares
José Vieira Silva
Themis Jesus Silva

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Presidente
Marcio Pochmann

Diretora-Executiva Adjunta
Rose Mary Rodrigues (em exercício)

Diretor de Pesquisas
Cimar Azeredo Pereira

Coordenadora-geral Adjunta do Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Maria do Carmo Dias Bueno

Superintendente Estadual em Alagoas
Alcides Jerônimo de Almeida Tenório Júnior
(em exercício)

Chefe da Seção de Documentação e Disseminação de Informações em Alagoas
Neison Cabral Ferreira Freire

Superintendente Estadual em Sergipe
Adriane Almeida do Sacramento

Chefe da Seção de Documentação e Disseminação de Informações em Sergipe
Vinicius Andrade de Carvalho Rocha

Esta obra foi financiada exclusivamente com recursos da Expedição Científica do Baixo São Francisco, por meio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Catálogo na fonte Universidade Federal de Alagoas Biblioteca Central Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

P438 Perfil socioeconômico municipal e aspectos geoambientais do Baixo São Francisco 2023 / Neison Cabral Ferreira Freire, Rose Mary Ferreira Pereira Gomes organizadores ; [colaboradores] Silvânia da Rocha Medeiros Vila Nova ... [et al.]. – Maceió : Edufal, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://www.edufal.com.br>. 39 p. ; il. color.

ISBN 978-65-5624-253-8

1. Expedição científica do Baixo São Francisco. 2. Perfil – Aspecto socioeconômico. 3. Perfil – Aspectos geoambientais. I. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Secretaria de Estado da Educação de Alagoas. II. Freire, Neison Cabral Ferreira, org. III. Gomes, Rose Mary Ferreira Pereira, org. IV. Vila Nova, Silvânia da Rocha Medeiros.

CDU: 908

SUMÁRIO

Apresentação	6
A Rede de Influência das cidades no Baixo São Francisco	7
A heterogeneidade socioeconômica no Baixo São Francisco.....	9
Os espaços agropastoris.....	11
Dinâmica geoambiental do baixo curso do rio São Francisco	13
Brejo Grande, segundo o IBGE	19
Gararu, segundo o IBGE	21
Igreja Nova, segundo o IBGE	23
Pão de Açúcar, segundo o IBGE	25
Penedo, segundo o IBGE	27
Piaçabuçu, segundo o IBGE	29
Piranhas, segundo o IBGE	31
Propriá, segundo o IBGE	33
São Brás, segundo o IBGE	35
Traipu, segundo o IBGE	37



APRESENTAÇÃO

É uma honra para a Superintendência do IBGE em Alagoas (SES-AL) a construção deste estudo sobre o **Perfil Socioeconômico Municipal e Aspectos Geoambientais do Baixo São Francisco**. Integrante de um rol de produtos tecnológicos entregues pela equipe do IBGE à **VI Expedição Científica do Baixo São Francisco**, esta publicação marca a primeira participação dos servidores do Instituto neste relevante programa.

Este material inaugura a inserção do **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a esse esforço para o avanço do conhecimento científico de **impacto socioambiental, cultural e econômico**, desenvolvido em diferentes áreas do conhecimento científico junto às comunidades ribeirinhas dos Estados de Alagoas e Sergipe. Ao reunir dados que permitem uma visão geral do território que integra o Baixo São Francisco, destacam-se aqueles relacionados aos **dez municípios visitados pelos expedicionários no ano de 2022**. Preparada a partir de dados georreferenciados resultantes de diferentes pesquisas realizadas pelo IBGE, todas as fontes utilizadas nesta obra podem ser acessadas, de forma gratuita, no site oficial **www.ibge.gov.br**.

Em uma linguagem acessível e dinâmica, composta por mapas temáticos, tabelas estatísticas e gráficos que ilustram as análises informativas, o texto contempla uma **síntese do “olhar” do IBGE sobre os municípios-alvo objeto da Expedição**. A contribuição do Instituto recai, especialmente, na sua capacidade em coletar e **democratizar o acesso a uma massa de dados e informações que retratam o Brasil e contribuem para o mais amplo conhecimento de sua realidade**, cooperando para o exercício da cidadania. A publicação é acompanhada por um **mapa personalizado do Baixo São Francisco**, cuidadosamente pensado e construído pelas equipes das Supervisões de

Disseminação de Informações e da Base Territorial do IBGE, tanto em Alagoas, como em Sergipe.

Por fim, o conteúdo desta pesquisa realça a importância da difusão e uso de base de dados brasileira, oficial e gratuita, construída sob rigorosos critérios metodológicos. O recorte no **contexto do Baixo São Francisco** foca no perfil socioeconômico, vegetacional e geomorfológico dessa região sertaneja e agrega maior valor para este material que busca, primordialmente, reunir informações capazes de cooperar com políticas públicas, planos e projetos pensados e executados com e para as comunidades impactadas pelos diferentes processos antrópicos estudados pela Expedição Científica.

Silvânia da Rocha Medeiros Vila Nova
Analista do IBGE em Alagoas

O Baixo São Francisco em números

Número de municípios: 93

(Alagoas: 46 | Sergipe: 28 | Pernambuco: 14 | Bahia: 5)

Áreas: 41.805,23 km²

Maior: Jeremoabo-BA (4.267,41 km²)

Menor: Amparo do São Francisco-SE (35,68 km²)

Altitude:

Máxima: 879,36m (Paranatama-PE)

Mínima: 5,42m (Pirambu-SE)

Biomias: Caatinga e Mata Atlântica

População residente:

2010: 2.147.707 hab

Maior: Arapiraca-AL (214.006 hab)

Menor: Amparo do São Francisco-SE (2.275 hab)

2022: 2.183.679 hab

Maior: Arapiraca-AL (234.696 hab)

Menor: Amparo do São Francisco-SE (2.170 hab)

Domicílios ocupados:

2010: 581.002

2022: 729.305

População indígena em 2022: 53.697

População quilombola em 2022: 63.059

Visão Geral do Território

Neison Cabral Ferreira Freire¹

A Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco é formada por **505 municípios** (CBHRSF, 2023), divididos em quatro regiões hidrográficas: Alto, Médio, Submédio e Baixo. O território do Baixo São Francisco é constituído por 93 municípios, distribuídos por 4 estados nordestinos: Alagoas (46), Sergipe (28), Pernambuco (14) e Bahia (5). Os municípios agrupados ocupam uma área de **41.805,23 km²** ou **2,69%** da Região Nordeste. Este vasto território equivale, praticamente, à área da Suíça, na Europa, que tem 41.285 km².

Segundo os dados do **Censo Demográfico de 2022** (IBGE, 2023), a população residente nos municípios do Baixo São Francisco totaliza 2.183.679 pessoas. Se comparado com o último Censo realizado (2010), é possível identificar um **aumento de 34.997 habitantes**, uma vez que a população residente era de 2.147.707, em 2010. Diante de tal cenário, pôde-se observar um modesto crescimento populacional.

A Rede de Influência das cidades no Baixo São Francisco

A pesquisa **Regiões de Influência das Cidades (REGIC)** define a hierarquia dos centros urbanos brasileiros e delimita as regiões de

influência a eles associados. É nessa pesquisa em que se identificam, por exemplo, as metrópoles e capitais regionais brasileiras e qual o alcance espacial da influência delas.

A identificação da **hierarquia urbana** e das áreas de influência é realizada por meio da classificação dos centros urbanos que possuem determinados **equipamentos e serviços** e que **atraem populações** de outras localidades. A oferta diferenciada de bens e serviços entre as cidades faz com que populações se desloquem a centros urbanos bem equipados para adquirirem serviços de saúde e educação ou buscar um aeroporto, por exemplo.

Conhecer os **relacionamentos entre as cidades brasileiras** com base na análise dos fluxos de bens, serviços e gestão é um importante instrumento para se realizar **escolhas locais**, tais como decidir a localização de uma universidade, de um hospital ou decidir a localização de uma filial de empresa.

O estudo constitui uma abordagem fundamental para a compreensão da geografia do país, uma vez que estabelece critérios para a qualificação das cidades e das relações entre elas, revelando eixos de integração no território e padrões diferenciados de distribuição de centralidades urbanas

A rede urbana de Alagoas encontra-se quase integralmente dentro da Região de Influência do Arranjo Populacional do Recife/PE, apenas com dupla subordinação com a metrópole de Salvador, no extremo oeste do Estado, onde a rede de Delmiro Gouveia (AL) também se relaciona

¹ Pesquisador titular de Ciência e Tecnologia do IBGE

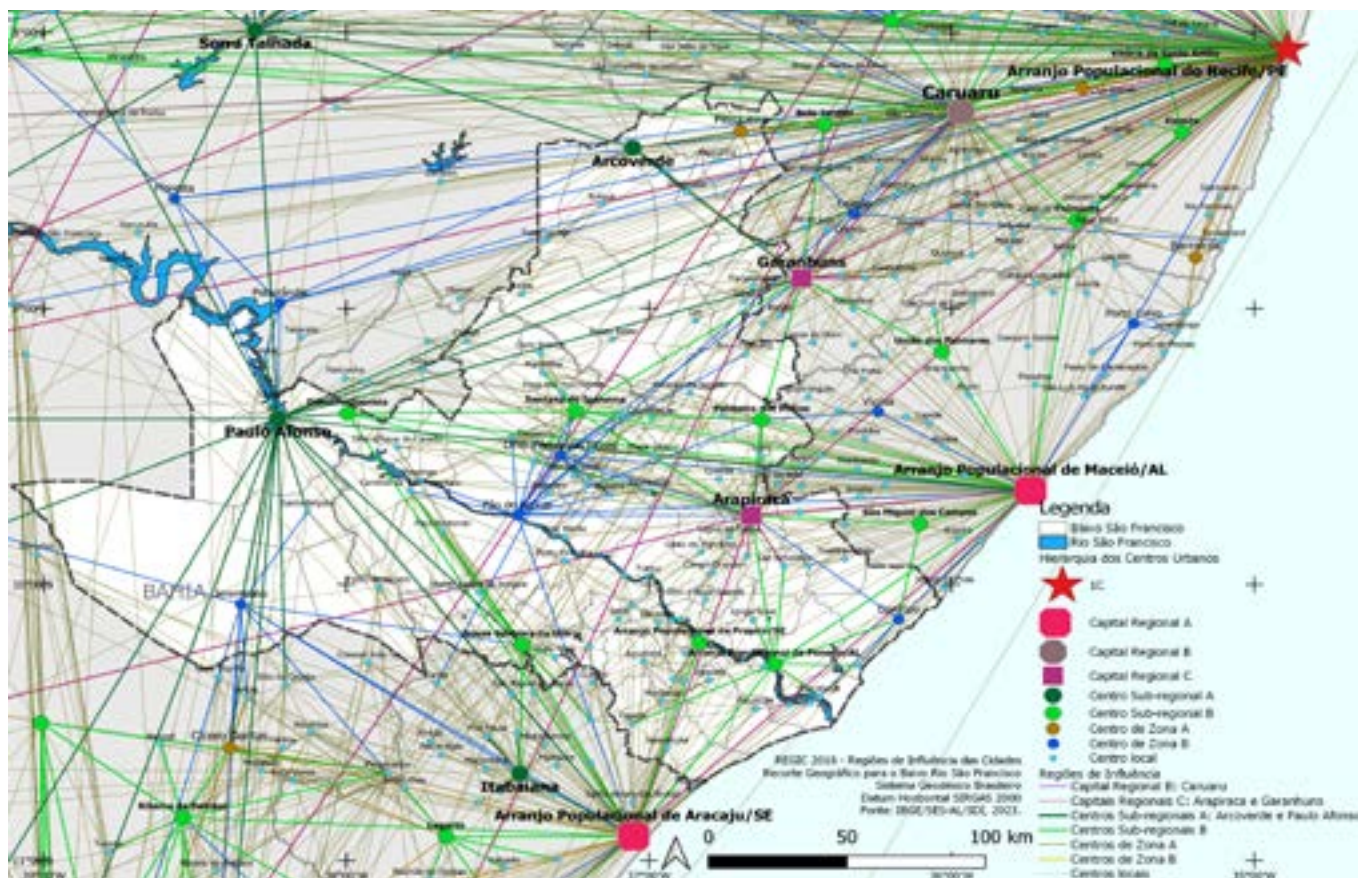
com a de Paulo Afonso (BA), como evidencia a figura 1.

As cidades de Alagoas estão majoritariamente ligadas a destinos dentro do próprio Estado, exceto em regiões limítrofes. Além do contato já citado com a Rede Urbana do Arranjo Populacional de Salvador/BA, via Delmiro Gouveia (AL), as cidades de Campestre (AL) e Jacuípe (AL) se vinculam a Palmares (PE), na divisa com Pernambuco, assim como o Arranjo Populacional de Maragogi/AL - São José da Coroa Grande/PE, diretamente ligado ao Arranjo Populacional do Recife/PE, em dupla subordinação com o Arranjo Populacional de Maceió/AL.

Já na divisa com Sergipe, Porto Real do Colégio (AL) e São Brás (AL) têm como destino principal o Arranjo Populacional de Propriá/SE, enquanto o Arranjo Populacional de Penedo/AL liga-se diretamente ao Arranjo Populacional de Aracaju/SE, também em dupla subordinação com o Arranjo Populacional de Maceió/AL.

Do lado sergipano, o Arranjo Populacional de Maceió/AL estende sua influência até Santana do São Francisco (SE), que tem como destino principal o Arranjo Populacional de Penedo/AL. É a única cidade fora dos limites de Alagoas a receber a influência da capital do Estado.

Figura 1: Mapa das regiões de influência e hierarquia das cidades no Baixo São Francisco. As linhas representam as trocas comerciais de produtos e serviços intermunicipais e a extensão da região de influência de cada cidade no modelo hierárquico estabelecido. Quanto maior for a posição da cidade na hierarquia urbana, maior será sua área de influência em relação às outras cidades.



Fonte: Criado e editado por IBGE/SES-AL/SDI a partir de “Regiões de Influência das Cidades - REGIC”, IBGE (2018).

A heterogeneidade socioeconômica no Baixo São Francisco

Na Região Nordeste, em geral, e na Bacia do Rio São Francisco, em particular, surgiram **novas áreas de expansão econômica**, nas últimas décadas. Na atualidade, essas áreas abrigam estruturas modernas e dinâmicas, as quais convivem com áreas e segmentos tradicionais, contribuindo, assim, para tornar a realidade regional muito mais diferenciada e complexa, compondo um mosaico de **contextos territoriais diferenciados**.

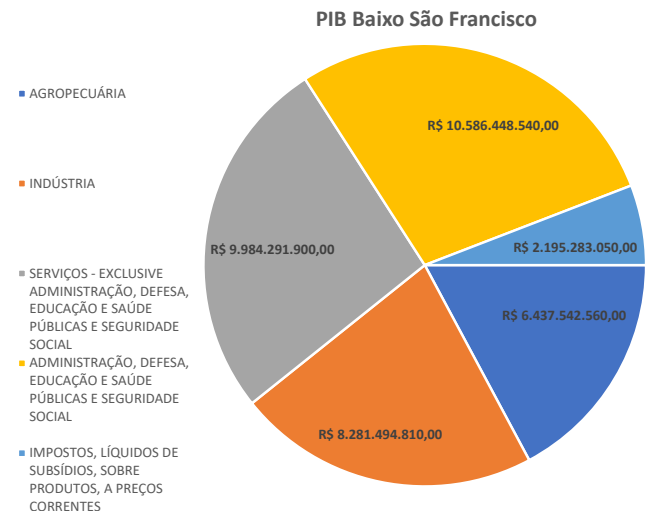
De fato, uma das **principais** características do espaço regional nordestino, atualmente, constitui-se numa **grande diversidade e crescente heterogeneidade** de suas estruturas socioeconômicas, introduzindo **“ilhas de dinamismo”** em áreas agropastoris tradicionais do interior. Deste modo, aceleram-se as forças fragmentadoras da coesão territorial de uma região historicamente marcada pela **desigualdade socioeconômica**.

No Baixo São Francisco, essas “ilhas de dinamismo” podem ser caracterizadas pelos municípios de Canindé de São Francisco (SE), Paulo Afonso (BA) e Coruripe (AL), cujos Produtos Internos Brutos (PIB) Municipais per capita (2020), registraram, respectivamente, R\$ 103,9 mil, R\$ 35,7 mil e R\$ 30,3 mil, bem superiores à média registrada nos 93 municípios, que é de R\$ 13,8 mil; sendo, no caso de Canindé de São Francisco, ainda superior à média nacional daquele ano, que foi de R\$ 35.935,74 (IBGE, 2023).

O **PIB da região em 2020** totalizou **R\$ 37,5 bilhões**, conforme demonstra o gráfico 1, sendo polarizado por Arapiraca (AL) com R\$ 5,2 bilhões, cujo setor mais significativo na composição desse índice foi o de serviços, que registrou R\$ 2,3

bilhões. Esses resultados configuram o município de Arapiraca como um centro regional urbano importante para todo o Baixo São Francisco. Por outro lado, Amparo do São Francisco (SE) obteve o menor PIB em 2020 com R\$ 33,7 milhões.

Gráfico 1: Composição do PIB em 2020 no Baixo São Francisco (IBGE, 2023).



Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus – SUFRAMA (2023).

O sertanejo e o meio ambiente

Neste ambiente de clima semiárido, predominantemente ocupado pelo bioma Caatinga, surgiu um tipo humano bem característico, produto da miscigenação das diversas etnias brasileiras – o sertanejo –, identificado pela sobriedade, o sentimento trágico do camponês ibérico e o espírito de liberdade do índio, culminando num alto sentido pessoal de honra e dignidade (Freire, 2008 apud CHESF, 2001).

Segundo pesquisas realizadas pelo Museu de Arqueologia de Xingó (MAX, 2023), a presença humana na região remonta há cerca de 9.000 anos, embora alguns vestígios em estudo, tais como



pinturas rupestres e artefatos funerários, apontem para épocas ainda mais remotas, podendo chegar a 12.000 anos A.P. (antes do presente).

Cabe destacar que o Vale do Rio São Francisco, ao se distinguir, em nível regional, como o espaço de convergência de duas grandes divisões do quadro natural brasileiro, qual seja o litoral e o sertão, teve, simultaneamente, sua ocupação de alguma forma marcada pela confluência de processos econômicos e culturais de uso do espaço geográfico também distintos (Freire, 2018).

De fato, a utilização sistemática dos recursos naturais da Caatinga teve início há mais de três séculos, com acentuado incremento a partir da década de 1980, resultando em longos conflitos, especialmente, no que diz respeito à água e à posse da terra. Essa situação se observa em diversas localidades por meio do registro de informações coletadas, mais recentemente, no Censo Demográfico 2022, principalmente ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco – que é o maior recurso hídrico superficial perene e, de

longe, o mais importante elemento regional sob qualquer aspecto em análise no Bioma Caatinga.²

Nessas áreas que se apresentam banhadas pela bacia do Rio São Francisco, há diferentes e significativos problemas relativos à poluição e contaminação das águas, em função dos usos para diluição de esgotos domésticos, irrigação e formação de imensas barragens para a geração de energia hidrelétrica, que alteraram profundamente os ciclos hidrológicos do rio São Francisco.

Contudo, o desenvolvimento de agronegócios, ao longo desta bacia, proporciona a disposição inadequada de resíduos sólidos e da utilização de agrotóxicos e fertilizantes nos polos

2 Além da perenidade de seu fluxo d'água, que lhe confere situação singular no semiárido nordestino, ou nos "sertões", como era identificado genericamente o "interior" do País, a rápida consolidação da ocupação nas margens do rio São Francisco, fazendo com que ele fosse reconhecido como "um condensador tão importante de fazendas de gado", deve-se, de acordo com Prado Júnior (1945), não só à vegetação pouco densa da Caatinga, como à localização, próxima às suas margens, de afloramentos salinos que forneciam ao gado os "bebedouros" necessários à sua alimentação.

agroindustriais (em especial, aqueles situados em Barreiras e Luis Eduardo Magalhães – BA [soja] e Petrolina – PE e Juazeiro – BA [fruticultura] (Brasil, 2011).

Além disso, registre-se o uso excessivo da água para diversos projetos de irrigação em ambas as margens e, mais recentemente, para a transposição de suas águas em direção a outras bacias hídricas setentrionais do semiárido nordestino.

Dessa maneira, pode-se dizer que o processo de reestruturação produtiva, ainda em curso no bioma Caatinga, incorpora a desconcentração espacial de atividades, observada nas últimas décadas do século XX, produto da ação do Estado e da grande empresa transnacional, assimilando as novas características de organização da economia nacional.

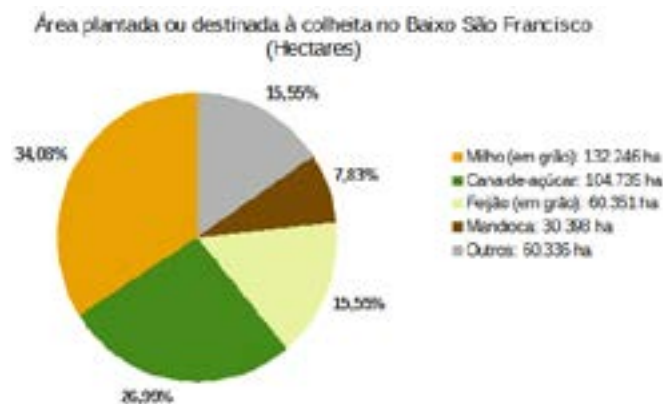
Os espaços agropastoris

De um modo em geral, na região do Baixo São Francisco, as cidades representam um local de **abastecimento de produtos agropecuários e industrializados**, além de proverem acesso ao sistema público de saúde em suas diversas especialidades, maiores níveis educacionais e oportunidades de emprego e renda.

Responsável por **17%** na composição do PIB (2020) da região composta pelos **93 municípios**, o setor agropecuário tem características heterogêneas em relação à simultaneidade de atividades tradicionais e modernas, mesclando agricultura familiar com agronegócio em modelo exportador. Em relação à área plantada ou destinada à colheita, a pesquisa da Produção Agrícola Municipal – PAM (IBGE, 2021) registrou 388.066 ha, o que representa 9,28% da área total dos 93 municípios (41.805,23 km²). Entretanto, a área colhida naquele ano de referência foi de 332.685 ha.

Os espaços agrícolas são **dominados pelas culturas da cana-de-açúcar, milho e feijão**, de acordo com o gráfico 2. As áreas de colheita de cana-de-açúcar registraram 104.735 ha (31,48% da área total colhida), muito próxima às áreas destinadas ao milho que representaram 96.437 ha (29% da área total colhida). Em terceiro lugar, em termos de áreas destinadas às culturas, está o feijão com 41.594 ha, ou 12,5%. No total, essas três culturas representaram quase 73% das áreas colhidas na região do Baixo São Francisco. As quantidades produzidas em 2021 pelas culturas de cana-de-açúcar foram de 36.469.916 ton, mandioca 405.062 ton, milho 322.911 ton e feijão 20.717 ton.

Gráfico 2: Principais áreas plantadas ou destinadas à colheita no Baixo São Francisco.



Fonte: Produção Agrícola Municipal – PAM, IBGE (2021)

Os municípios com as maiores áreas de plantio são, por ordem de importância: Coruripe-AL, Jeremoabo-BA e Penedo-AL. O rebanho da pecuária no Baixo São Francisco totalizou cerca de 11 milhões de cabeças (PPM, 2021), sendo 7,9 milhões de galináceos, 1,6 milhão de bovinos, 640 mil de ovinos, 336 mil de suínos, 290 mil de caprinos e 187 mil cabeças para os demais rebanhos (bubalinos, equinos e codornas), como pode ser observado no gráfico 3. A partir dos rebanhos existentes, a região também produziu a significativa safra de 13,11 milhões de hectolitros de leite naquele ano, sendo o município de Buíque-PE o maior produtor (9,1 milhões de hectolitros).

Derivado do rebanho de galináceos, a região produziu 38,2 milhões de dúzias de ovos.

Merecem destaque no contexto do baixo curso do Rio São Francisco as atividades de aquicultura, que registraram a produção de 8.374,8 ton de tilápia, seguida por 3.073,5 ton de tambaqui e 1.477,4 ton de camarão. O maior produtor de tilápia é o município de Piranhas-AL (3.052 ton), seguido por Coruripe-AL (1.000 ton) e União dos Palmares-AL (500 ton).

Dessa forma, os números da PAM em 2021 evidenciam a **relevância das atividades agropecuárias na região do Baixo São Francisco**, convertendo-se num importante celeiro de alimentos para o país, com destaque para a produção de derivados sucroalcooleiros, cereais e proteína animal, dentre outros produtos agropecuários.

Gráfico 3 - Principais atividades agropecuárias do Baixo São Francisco



Fonte: Produção Agrícola Municipal – PAM, IBGE (2021)

Referências

CBHRSF – COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO SÃO FRANCISCO. **Municípios da Bacia**. Disponível em: <https://cbhsaofrancisco.org.br/a-bacia/#municipios-da-bacia>. Acesso em: 19 jun. 2023.

FREIRE, N. C. F. (Org.); MOURA, D. C.; SILVA, J. B. et al. **Atlas das Caatingas - o único bioma exclusivamente brasileiro**. Recife, PE: Massangana, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 e 2022**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em: 19 jun. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa da Pecuária Municipal – PPM 2021**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2022>. Acesso em: 19 jun. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal – PAM 2021**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 19 jun. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2020**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. REGIC – **Regiões de Influência das Cidades 2018**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>. Acesso em: 19 jun. 2023.

UFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **O Museu de Arqueologia de Xingó**. Disponível em: <https://max.ufs.br/pagina/20239>. Acesso em: 19 jun. 2023.

Dinâmica Geoambiental do Baixo Curso do Rio São Francisco

Débora Coelho Moura³
José Iranildo Miranda de Melo⁴

A bacia do Rio São Francisco apresenta uma **dinâmica geoambiental** resultante de interações abióticas (morfológicas, geológicas, climáticas e pedológicas), que condicionam um mosaico vegetal de diferentes paisagens. Ao longo da bacia, a dinâmica fluvial está associada à sustentabilidade dos recursos naturais, à condução e ao provimento das comunidades locais.

A bacia subdivide-se em **quatro domínios geomorfológicos**, apresentando altitude, precipitação e vegetação distintas. O alto curso da bacia abrange desde a nascente, com altitudes superiores a 1400m, na porção oeste a Serra da Canastra, até o domínio da Depressão do Rio São Francisco, com média de 550m em vale, em “U” aberto na represa de Três Marias.

A área apresenta uma média de precipitação entre 1500 e 2000mm/ano, que proporciona uma vegetação úmida de Floresta Atlântica.

3 Professora Doutora convidada. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Centro de Humanidades, Unidade Acadêmica de Geografia, Membro do Conselho Reserva da Biosfera Caatinga. R. Aprígio Veloso, 882, Universitário, CEP: 58428-830, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: debygeo@hotmail.com

4 Professor Doutor convidado. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Departamento de Biologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Rua Baraúnas 351, Bairro Universitário, CEP 58429-500, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: tournefort@gmail.com



Ao longo do curso, a jusante das áreas mais aplainadas exibe uma altitude média de 500 a 700m, com pluviosidade de 1000 a 1500mm/ano, favorecendo vegetação de Florestas Estacionais e Cerrado, que inclui de Pirapora à confluência do Rio das Velhas (HACKSPACHER et al, 2007, NUNES; PINTO, 2012, ARAÚJO et al, 2022). O médio curso do rio conta com um trecho alongado em altitude de 500m até Remanso-BA, onde localiza-se a Usina Hidrelétrica de Sobradinho, com rochas graníticas, filitos, micaxistos e extensas áreas de quartzitos recristalizados. O clima é Semiárido, apresentando chuvas irregulares, sazonalidade e vegetação do tipo Caatinga (BARBOSA et al, 2003, MIRANDA et al, 2021, BRITO-NEVES et al, 2023).

No **submédio**, o curso fluvial exibe um relevo suave ondulado, com trechos de fortes declividades e presença de quedas d'água, como se dá em Paulo Afonso-BA. Nestes locais, há predominância de canais rochosos, com maior rugosidade, devido ao Clima Tropical Quente e Seco, que age através do intemperismo físico, proporcionando rochas expostas e solos pouco desenvolvidos (BRASIL-RADAMBRASIL, 1986, MAIA; NASCIMENTO, 2018).

O **baixo curso** é caracterizado por apresentar trechos rochosos na calha do rio, entre os municípios de Delmiro Gouveia e Piranhas, ambos situados no estado de Alagoas, e Canindé do São Francisco, em Sergipe, com planície aluvial muito estreita e percorrendo um vale encaixado. O volume hídrico da bacia varia com a sazonalidade mais acentuada, devido aos mecanismos de meso escala La Niña, com períodos mais chuvosos e El Niño, com estiagens prolongadas (ENOS), que interferem diretamente na pluviosidade da porção continental na região Semiárida (ALVES et al, 2007, ALBUQUERQUE et al, 2022).

Após o município de Propriá-SE, o sistema fluvial relacionado à morfoestrutura da bacia está interligado a uma descarga de fluxo mais lento, produção de sedimentos e menor profundidade da calha. Segundo Cunha et al (2018) e Silva et al. (2022), do trecho final de Propriá-SE até Penedo-

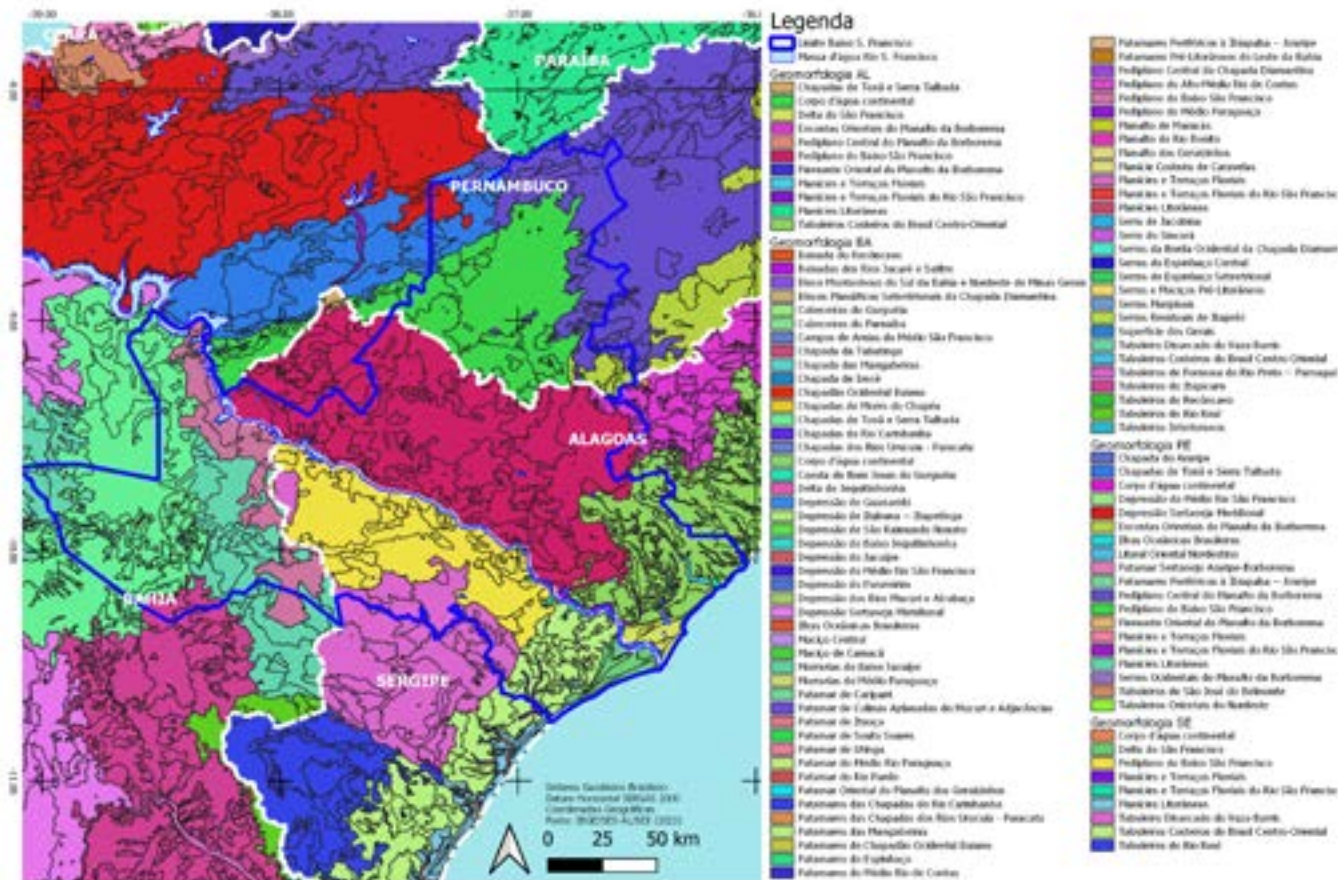
AL, predominam os canais de padrões entrelaçado e anastomosado, devido aos processos de erosão marginal e assoreamento, em virtude da calha ser mais aplainada. Isso compreende a faixa sedimentar de cordões litorâneos, localizados em ambas as suas margens (CASADO et al, 2000; CUNHA et al, 2018; ZULAR et al, 2018).

As condicionantes da dinâmica ambiental na vegetação ao longo da bacia está interligada ao contexto climático regional da paisagem. O clima úmido a semiúmido propicia a vegetação de Floresta Atlântica, enquanto que o clima tropical quente e seco, do tipo semiárido, favorece a vegetação de Caatinga. A vegetação encontrada na área da bacia, referente ao médio, submédio e baixo São Francisco, com predomínio do clima tropical quente e seco, apresenta um recorte de fitofisionomia de Caatinga arbustiva arbórea, arbustiva e áreas de mata ciliar, a jusante de Piranhas-AL e Canindé do São Francisco-SE, caracterizando uma Floresta Estacional, com elementos de ampla distribuição (BRASIL-IBGE, 2019; REIS et al, 2022).

Na **dinâmica geoambiental da região semiárida**, atestada na figura 2, os elementos atmosféricos, edáficos e geológicos, sendo estes do Complexo Granitóide e Sedimentar, determinam uma adaptação em diferentes fitofisionomias da Caatinga. Estas fitofisionomias proporcionam potencialidades para a constituição de fitomassa, adensamento e diversidade associados às características ecológicas (SILVA et al, 2022; SILVA et al, 2022). Contudo, Tabarelli et Santos (2004) e IBGE (2019) argumentam que esta vegetação resulta de espécies que **evoluíram a inúmeros períodos de índices estacionais** e mudanças climáticas.

Como Floresta Seca, a Caatinga apresenta propriedades no seu mosaico vegetacional que a torna particular e a distingue entre os outros biomas. A riqueza florística possibilita a sustentação de diversas atividades econômicas, que mantém o homem no campo. No entanto, o manejo de algumas atividades agrícolas induz à

Figura 2: Mapa das Unidades Geomorfológicas no Baixo São Francisco.



Fonte: Criado e editado por IBGE/SDI/AL a partir de “Banco de Dados de Informações Ambientais - BDIA”, IBGE (2023).

degradação da vegetação e, em consequência, do solo e da rede de drenagem ao longo da bacia (ALBUQUERQUE; ALVAREZ; GREGO, 2022; REIS et al, 2022).

Entre os estados de Alagoas e Sergipe, no baixo curso em direção a jusante, a bacia do rio São Francisco apresenta **conflitos ambientais** associados a alterações sobre o meio hídrico. Com base nos agentes responsáveis pelas modificações da paisagem, o agronegócio atua com ampla área de irrigação e desmatamento, além do aumento desordenado na expansão urbana que abrange o entorno das matas ciliares. Tal situação proporciona o surgimento de conflitos ambientais não reversíveis à bacia (WIVALDO et al, 2018; FREIRE et al, 2019; MACIEL, ZIZKA, ALVES, 2020).

Com base na composição florística da área, verificam-se fragmentos florestais

remanescentes pertencentes às Formações Pioneiras, em áreas de várzeas, podendo ser estas alagáveis, com quantidade de matéria orgânica e sedimentos depositados ao longo das margens. Os remanescentes florestais possuem composição florística e fitofisionômica características de ecossistemas associados à Floresta Atlântica, como os de terraços marinhos (restinga), numa extensa faixa arenosa, destacando-se os componentes flúvio-marinhos (manguezal) e de abrangência fluvial (mata ciliar, com agrupamentos de floresta úmida arbórea, atualmente composta por florestas secundárias em espaços reduzidos, refletindo a ocorrências de perturbações ou fragmentação (OLIVEIRA et al, 2015; SANTOS et al, 2018; BRASIL-IBGE, 2019; ALBUQUERQUE et al, 2022).

Nas áreas da região a jusante, os componentes vegetacionais propiciam condições

necessárias para que os demais serviços ecossistêmicos, de maneira direta e indireta, alcancem as populações locais. Contudo, a produção primária dos ecossistemas e a diversidade biológica estão **sofrendo alterações significativas**, principalmente no funcionamento dos ecossistemas. Nesse contexto, sugere-se que haja **restauração ambiental** desses, uma vez que a cobertura vegetal contribui para a diminuição dos processos erosivos do solo, proporcionando aumento e armazenagem de carbono e melhoria das características físico-químicas dos corpos d'água.

Referências

ALBUQUERQUE, C. S.; ALVAREZ, A.; GREGO, R. **Estudo da variabilidade espacial dos atributos do solo para revegetação de floresta ripária do rio São Francisco.**

In: MELO, J. O. F. (Orgs.). Ciências agrárias: o avanço da ciência no Brasil, v. 5, p. 286-304. Guarujá, SP: Científica Digital, 2022.

ALVES, M. S.; FONTES, L.; SILVA, B.; ALMEIDA, A. P. **Dinâmica geoambiental, processos morfodinâmicos e uso das terras em Brejo Grande, Baixo São Francisco-Sergipe.** Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 8, n. 2, p. 11-21, 2007.

ARAÚJO, R.; OLIVEIRA, D. A. de; RIBEIRO, E. V. **Análise Geomorfológica da Ocorrência de Lagoas Marginais no Alto Curso do Rio São Francisco.** Caderno de Geografia, v. 32, n. 71, 2022.

BARBOSA, S. F.; SABATÉ, P.; MARINHO, M. **O cráton do São Francisco na Bahia: uma síntese.** Revista Brasileira de Geociências, v. 33, n. 1, p. 3-6, 2003.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. **Projeto Radam Brasil: levantamento de recursos naturais, v. 38 (AL/PE).** Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, 1984.

BRITO-NEVES, B. B. de; SANTOS, T. J. S. dos; DANTAS, E. L. **Os terrenos tectonoestratigráficos do entorno da parte centro-norte do Cráton do São Francisco.** Terra e Didática, Campinas, SP, v. 19, n. 00, p. e023007, 2023. DOI: 10.20396/td.v19i00.8671909. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8671909>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CASADO, P. B.; HOLANDA, S. R.; FONTES, C. S. et al. **Análise do processo de erosão marginal no Baixo São Francisco sergipano.** In: Simpósio Nacional de Controle de Erosão. Goiânia. 2000.

CUNHA, J.; VILLAR, W. C.; PINHEIRO, S. **A regularização da vazão como indicador de pressão hidrológico e geomorfológico no sistema estuarino do rio São Francisco. 2018.**

DINIZ, M. T. M.; SOUZA, R. M. e. **Interações atmosfera-terra-oceano e suas repercussões na precipitação média registrada no leste da Região Nordeste do Brasil.** Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 244-262, 2019. DOI: 10.5216/ag.v13i3.53280. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/53280>. Acesso em: 13 jun. 2023.

FREIRE, N. C. F. (Org.); MOURA, D. C.; SILVA, J. B.; MOURA, A. S. S.; MELO, I. M.; PACHECO, A. **Atlas das Caatingas - o único bioma exclusivamente brasileiro.** Recife, PE: Massangana, 2018.

HACKSPACHER, P. C. et al. **Modelagem térmica e geomorfologia da borda sul do Cráton do São Francisco: termocronologia por traços de fissão em apatita.** Brazilian Journal of Geology, v. 37, n. 4, p. 76-86, 2007.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Banco de dados de informações ambientais - BDIA.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/23382-banco-de-informacoes-ambientais.html?=&T=acesso-ao-produto>. Acesso em: 12 jun. 2023.
IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E

- ESTATÍSTICA. **Biomias, Sistema Costeiro-marinho do Brasil: compatível com a escala 1: 250.000.** Rio de Janeiro, RJ: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.
- KOHLER, H. C. **Aspectos geocológicos da bacia hidrográfica do São Francisco (primeira aproximação na escala 1: 1 000 000). Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais,** p. 25-35. Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2003.
- MACIEL, R.; ZIZKA, F.; ALVES, M. **Dinâmicas geográficas e ecológicas diferenciais permitem a diversificação de bromélias gigantes morfológicamente convergentes na Mata Atlântica.** *Journal of Biogeography*, v. 47, n. 12, p. 2684-2697, 2020.
- MAIA, P.; NASCIMENTO, A. L. **Relevos graníticos do nordeste brasileiro. Revista Brasileira de Geomorfologia,** v. 19, n. 2, p. 1-17, 2018.
- Miranda, F.; Botzelli, L.; Pamplin, A. Z. **Conservação ambiental em zonas ripárias de dois córregos urbanos no município de Três Pontas, sul de Minas Gerais.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 13, p. e303101321184, 2021.
- NUNES, F. P.; PINTO, M. T. C. **Decomposição de serapilheira em revegetação de mata ciliar na bacia do rio São Francisco, Minas Gerais.** *Cerne*, v. 18, n. 3, p. 423-431, 2012.
- PARRON, M.; GARCIA, R.; OLIVEIRA, B.; BROWN, G.; PRADO, B. **Serviços ambientais em sistemas agrícolas e florestais do bioma Mata Atlântica.** Brasília: Embrapa, 2015.
- QUEIROZ, C. **A Caatinga brasileira: padrões fitogeográficos inferidos a partir de dados de distribuição das leguminosas.** In: *Savanas Neotropicais e Florestas sazonalmente secas*, p. 121-157. CRC Press, 2006.
- REIS, O.; ANDRADE, M. D.; FABRICANTE, R. **Levantamento florístico e fitossociológico do estrato arbustivo-arbóreo de uma área de caatinga em Pernambuco, Brasil.** *Journal of Environmental Analysis and Progress*, v. 7, n. 1, p. 41-51, 2022.
- SILVA, C. F. et al. **Teores de carbono em espécies florestais da caatinga.** *Ciência Florestal*, v. 32, n. 1, p. 71-85, 2022.
- SILVA, S. et al. **Fragmentos de caatinga são florística e estruturalmente similares?.** *Revista Brasileira de Geografia Física*, v. 15, n. 6, p. 3202-3211, 2022.
- TABARELLI, M.; SANTOS, A. M. M. **Uma breve descrição sobre a história natural dos brejos nordestinos. Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba, história natural, ecologia e conservação,** v. 9, p. 17-24, 2004.
- WIVALDO, J. N.; MOREIRA, E. O.; SILVA, J. C. **Políticas públicas e gestão ambiental para conservação dos recursos hídricos: reflexões sobre a crise hídrica em Minas Gerais. Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR,** v. 6, n. 3, p. 54-66, 2018.
- ZULAR, A.; UTIDA, G.; CRUZ, F. W.; I A. O.; WANG, H.; BÍCEGO, M.; MENDES, V. R. **The effects of mid-holocene fluvio-eolian interplay and coastal dynamics on the formation of dune-dammed lakes in NE Brazil.** *Quaternary Science Reviews*, v. 196, p. 137-153. 2018.



ibge.gov.br

Descubra um mundo de possibilidades
Informações estatísticas e geocientíficas
num só lugar

Conheça também:



Educa - portal do IBGE voltado para educação - educa.ibge.gov.br



Cidades - informações dos municípios e estados do Brasil - cidades.ibge.gov.br

PANO

Panorama - principais resultados do Censo 2022 - censo2022.ibge.gov.br/panorama



Portal de mapas - mapas do IBGE para download - portaldemapas.ibge.gov.br

BDIA

BDia - banco de informações ambientais bdiaweb.ibge.gov.br



Sidra - tabelas com dados agregados das pesquisas do IBGE - sidra.ibge.gov.br

Saiba mais



www.ibge.gov.br 0800 721 8181



MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO
E ORÇAMENTO



Brejo Grande, segundo o IBGE:



Identificação

Data de criação: 02/10/1926
Data de instalação: 22/10/1939
Gentílico: brejo-grandense
Código Geográfico: 2800704
Formação Administrativa: Lei Ordinária Estadual nº 929/1926
Área: 141,464 km²
Coordenadas da Sede:
Latitude: -10,429° Longitude: -36,4667°
Altitude da Sede: 7 m

Contexto Regional

Grande Região: Nordeste
Estado: Sergipe
Região Geográfica Intermediária: Aracaju
Região Geográfica Imediata: Propriá
Município costeiro: Sim
Defrontante com o mar: Sim

Economia

PIB (2020): R\$ 92.231.920,00
PIB per capita (2020): R\$ 11.041,77

Ambiente

Bioma: Mata Atlântica
Sistema Costeiro-Marinho: Pertence

Comparando dados dos Censos Demográficos

População (pessoas residentes):

2010: 7.742
2022: 7.841

Densidade demográfica em 2010: 52,01 hab/km²
Densidade demográfica em 2022: 55,43 hab/km²

Domicílios recenseados, por espécie:

2010: 2.561
Particular permanente ocupado: 2.026
Particular permanente não ocupado: 516
Coletivo: 6

2022: 3.547
Particular permanente ocupado: 2.471
Particular permanente não ocupado: 1.067
Particular improvisado: 5
Coletivo: 4



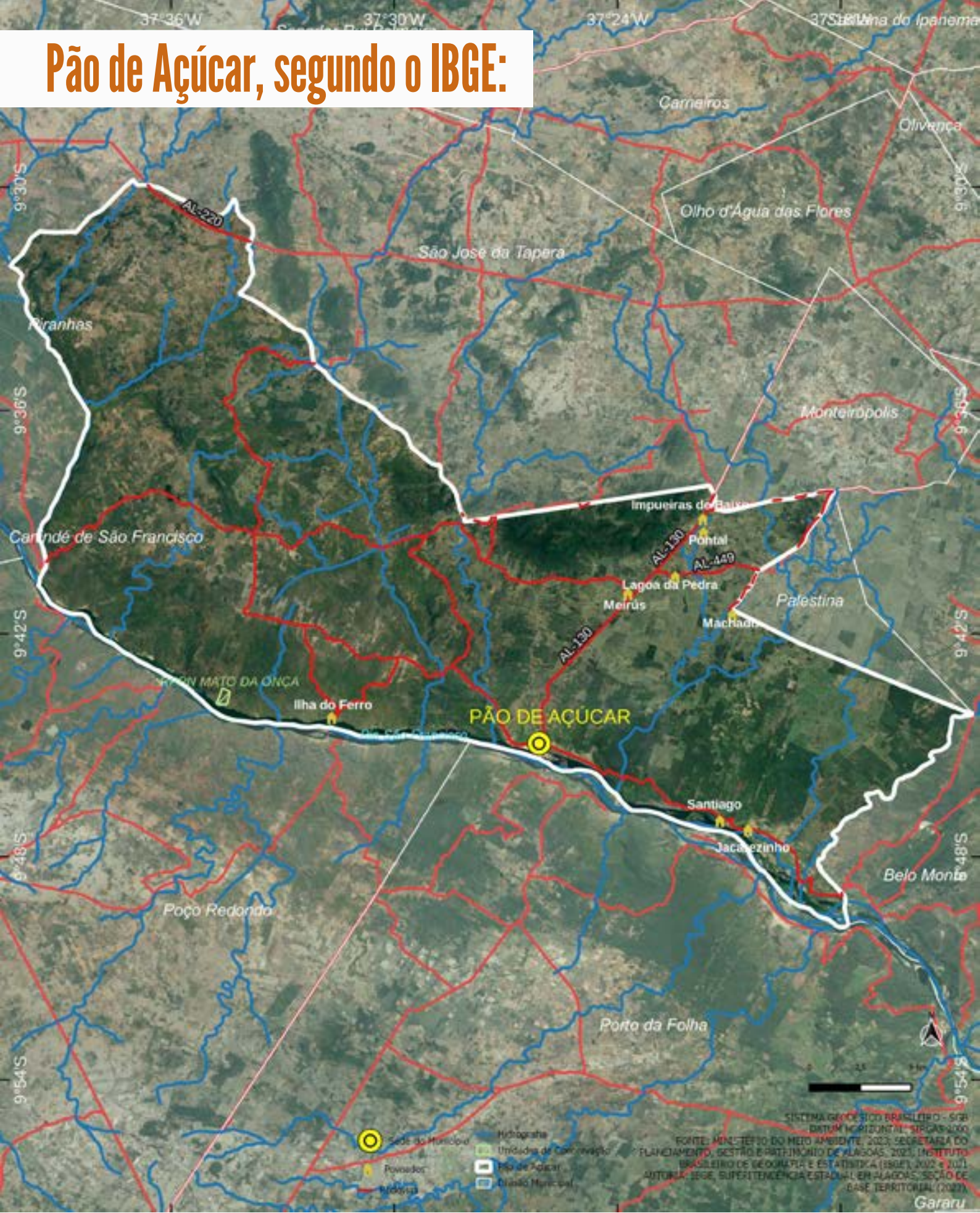
Gararu, segundo o IBGE:



Igreja Nova, segundo o IBGE:



Pão de Açúcar, segundo o IBGE:



Identificação

Data de criação: 03/03/1854

Data de instalação: 01/01/1939

Gentílico: pão-de-açucarense

Código Geográfico: 2706406

Formação Administrativa: Sem Registro

Área: 688,87 km²

Coordenadas da Sede:

Latitude: -9,7492° Longitude: -37,4351°

Altitude da Sede: 20,683 m

Contexto Regional

Grande Região: Nordeste

Estado: Alagoas

Região Geográfica Intermediária: Arapiraca

Região Geográfica Imediata: Pão de Açúcar

Olho d'Água das Flores - Batalha

Município costeiro: Não

Defrontante com o mar: Não

Economia

PIB (2020): R\$ 231.339.300,00

PIB per capita (2020): R\$ 9.500,20

Ambiente

Bioma: Caatinga

Sistema Costeiro-Marinho: Não pertence

Comparando dados dos Censos Demográficos

População (pessoas residentes)

2010: 23.811

2022: 23.823

Densidade demográfica em 2010: 34,86 hab/km²

Densidade demográfica em 2022: 34,58 hab/km²

Domicílios recenseados, por espécie

2010: 7.555

Particular permanente ocupado: 6.076

Particular permanente não ocupado: 1.465

Coletivo: 7

2022: 10.124

Particular permanente ocupado: 7.567

Particular permanente não ocupado: 2.547

Particular improvisado: 3

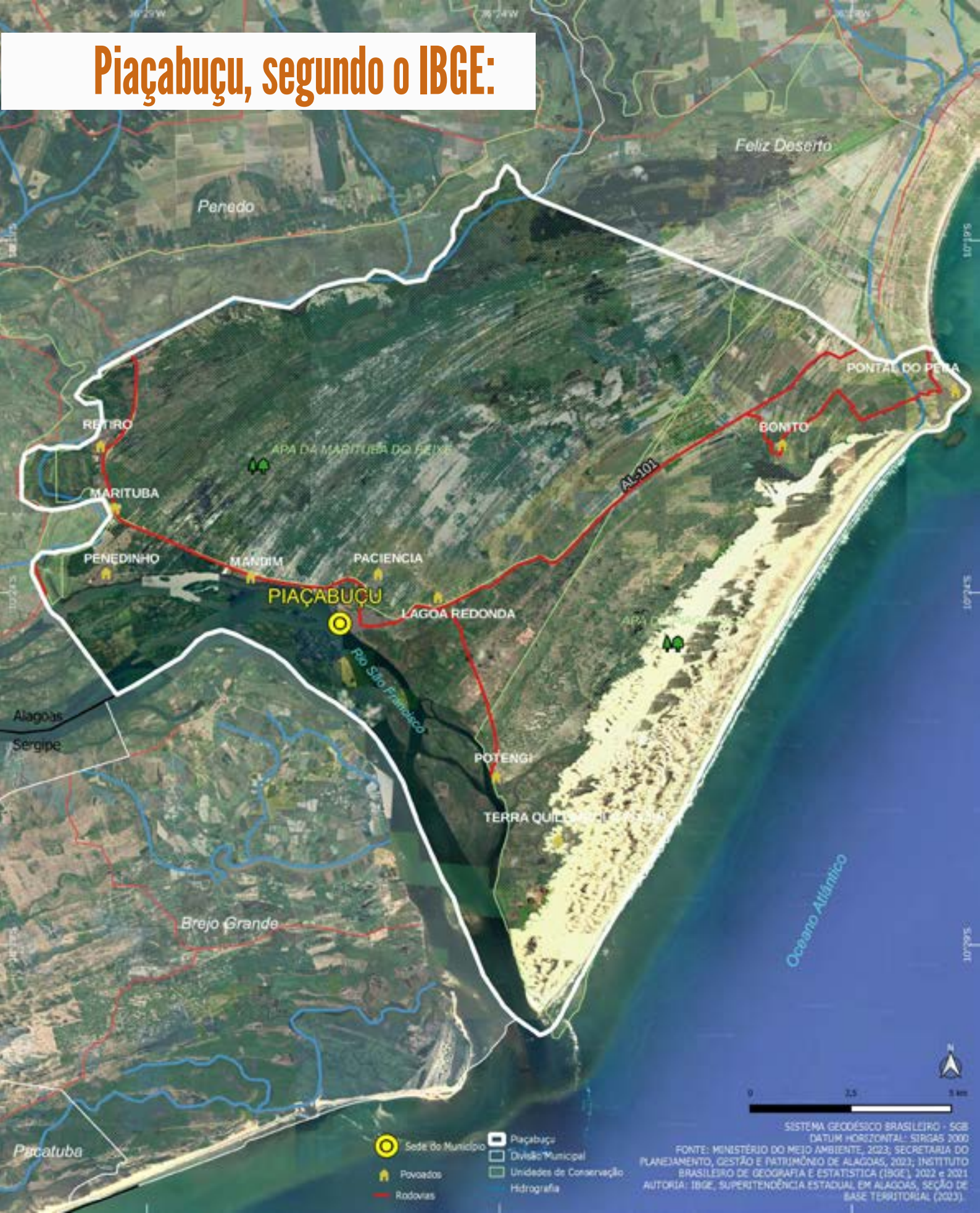
Coletivo: 7



Penedo, segundo o IBGE:



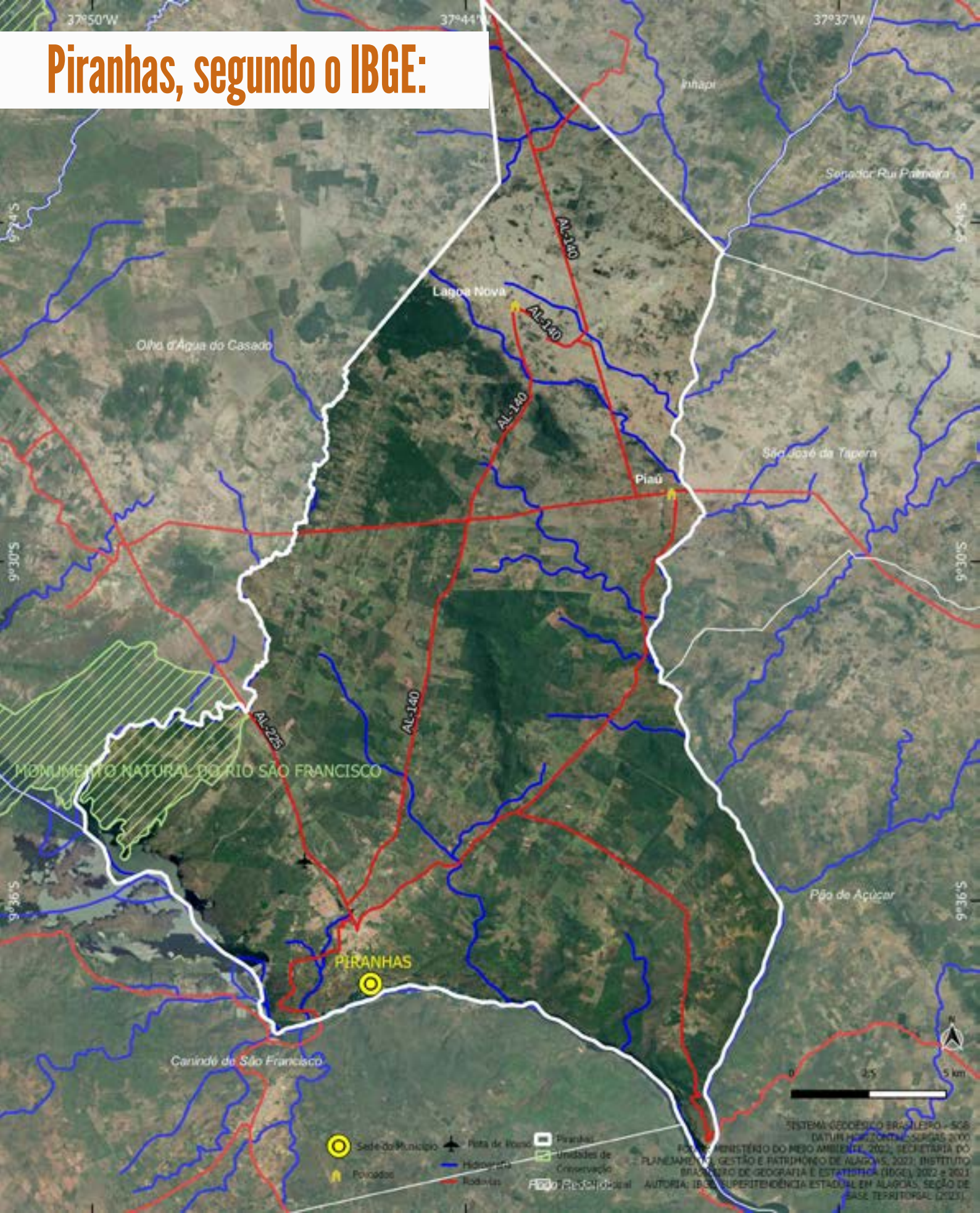
Piaçabuçu, segundo o IBGE:



- Sede do Município
- Povoados
- Rodovias
- Piaçabuçu
- Divisão Municipal
- Unidades de Conservação
- Hidrografia

SISTEMA GEODÉSICO BRASILEIRO - SGB
DATUM HORIZONTAL: SIRGAS 2000
FONTE: MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2023; SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO DE ALAGOAS, 2023; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2022 e 2021
AUTORIA: IBGE, SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL EM ALAGOAS, SEÇÃO DE BASE TERRITORIAL (2023).

Piranhas, segundo o IBGE:



MONUMENTO NATURAL DO RIO SÃO FRANCISCO

PIRANHAS

- Sede do Município
- Posto de Posto
- Piranhas
- Unidades de Conservação
- Hidrografia
- Rodovias

SISTEMA GEODÉSICO BRASILEIRO - SGB
DATUM HORIZONTAL - SERRAS 2000
FOURNO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2002; SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO, GESTÃO E PATRIMÔNIO DE ALAGOAS, 2022; INSTITUTO
BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2012 e 2021
AUTORIA: IBGE SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL EM ALAGOAS, SEÇÃO DE
BASE TERRITORIAL (2023).

Identificação

Data de criação: 03/06/1887

Data de instalação: 01/01/1939

Gentílico: piranhense

Código Geográfico: 2707107

Formação Administrativa: Lei Ordinária Estadual n° 996/1887

Área: 403,995 km²

Coordenadas da Sede:

Latitude: -9,6245° Longitude: -37,758°

Altitude da Sede: 54,64 m

Contexto Regional

Grande Região: Nordeste

Estado: Alagoas

Região Geográfica Intermediária: Arapiraca

Região Geográfica Imediata: Delmiro Gouveia

Município costeiro: Não

Defrontante com o mar: Não

Região Metropolitana: Região Metropolitana do Sertão

Economia

PIB (2020): R\$ 296.792.040,00

PIB per capita (2020): R\$ 11.785,41

Ambiente

Bioma: Caatinga

Sistema Costeiro-Marinho: Não pertence

Comparando dados dos Censos Demográficos

População (pessoas residentes):

2010: 23.045

2022: 22.609

Densidade demográfica em 2010: 56,47 hab/km²

Densidade demográfica em 2022: 55,96 hab/km²

Domicílios recenseados, por espécie:

2010: 7.176

Particular permanente ocupado: 5.750

Particular permanente não ocupado: 1.362

Coletivo: 12

2022: 9.802

Particular permanente ocupado: 7.024

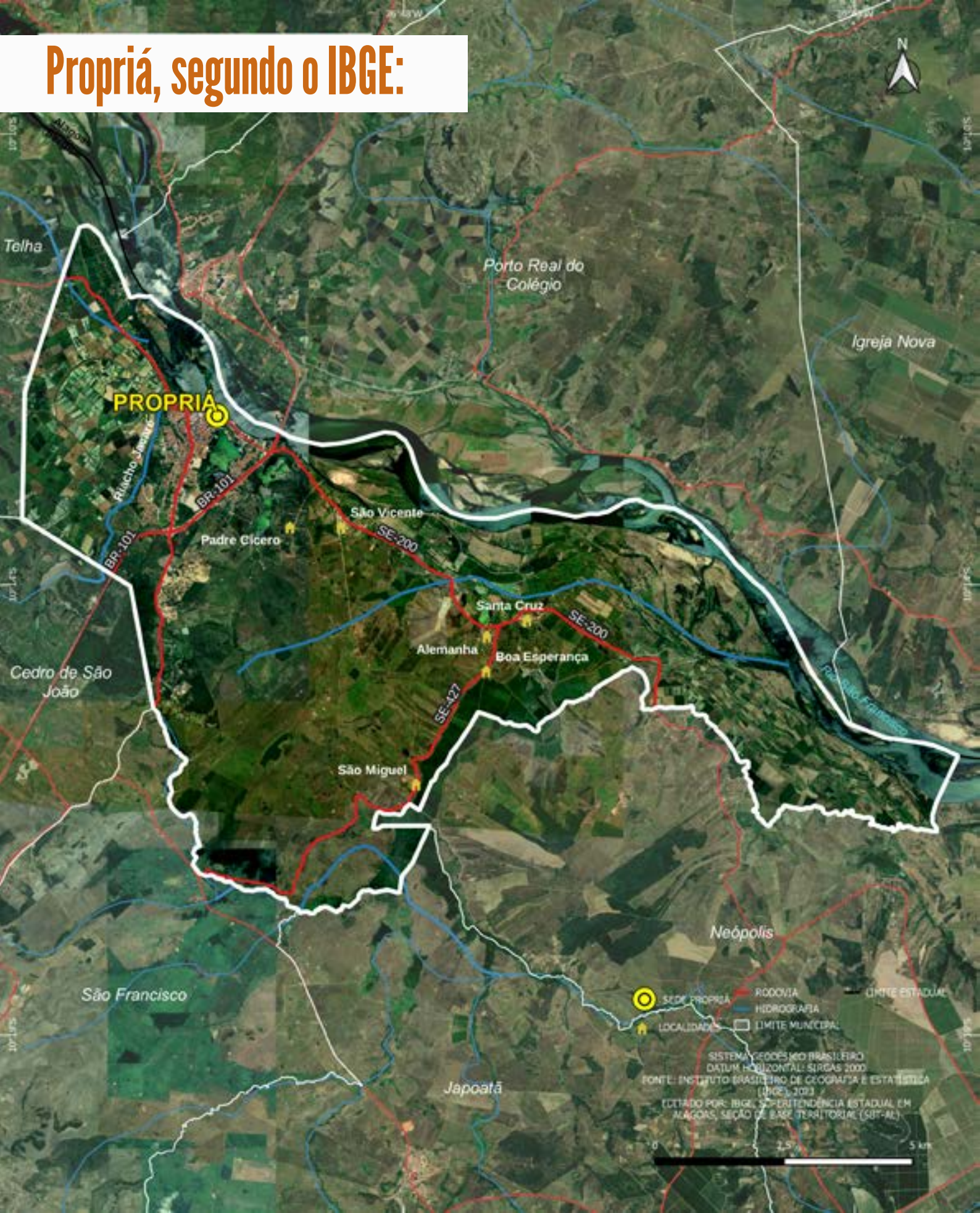
Particular permanente não ocupado: 2.754

Particular improvisado: 2

Coletivo: 22



Propriá, segundo o IBGE:



Identificação

Data de criação: 05/09/1801

Data de instalação: 01/01/1939

Gentílico: propriaense

Código Geográfico: 2805703

Formação Administrativa: Sem Registro

Área: 96,32 km²

Coordenadas da Sede:

Latitude: -10,21° Longitude: -36,8331°

Altitude da Sede: 18,48 m

Contexto Regional

Grande Região: Nordeste

Estado: Sergipe

Região Geográfica Intermediária: Aracaju

Região Geográfica Imediata: Propriá

Município costeiro: Não

Defrontante com o mar: Não

Economia

PIB (2020): R\$ 528.744.840,00

PIB per capita (2020): R\$ 17.807,65

Ambiente

Bioma: Mata Atlântica

Sistema Costeiro-Marinho: Não pertence

Comparando dados dos Censos Demográficos

População (pessoas residentes):

2010: 28.451

2022: 26.618

Densidade demográfica em 2010: 319,24 hab/km²

Densidade demográfica em 2022: 276,35 hab/km²

Domicílios recenseados, por espécie:

2010: 9.428

Particular permanente ocupado: 8.064

Particular permanente não ocupado: 1.321

Coletivo: 20

2022: 11.845

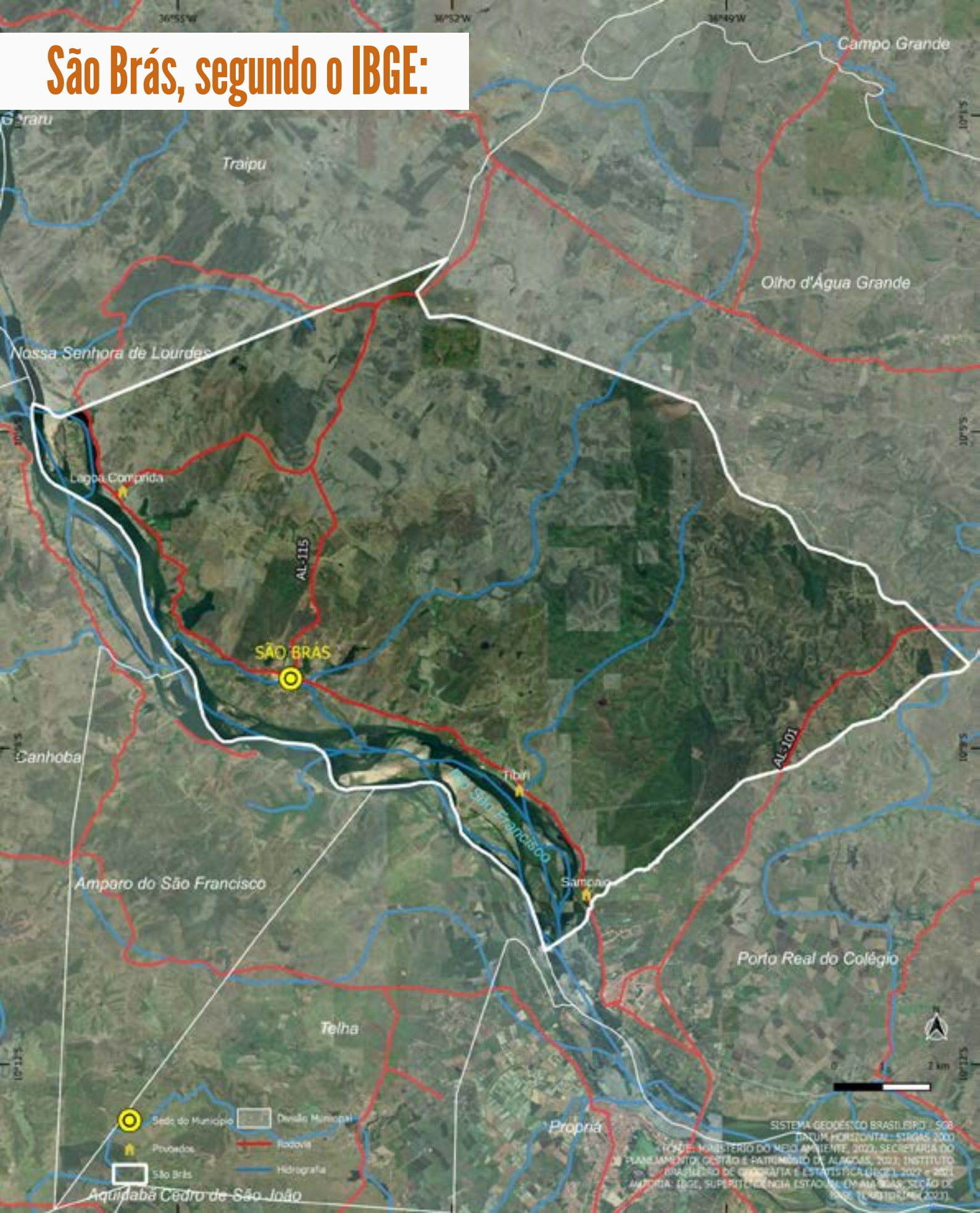
Particular permanente ocupado: 9.183

Particular permanente não ocupado: 2.632

Particular improvisado: 7



São Brás, segundo o IBGE:



Traipu, segundo o IBGE:



Identificação

Data de criação: 28/04/1835

Data de instalação: 01/01/1939

Gentílico: traipusense

Código Geográfico: 2709202

Formação Administrativa: Sem Registro

Área: 681,577 km²

Coordenadas da Sede:

Latitude: -9,971° Longitude: -37,0032°

Altitude da Sede: 30,96 m

Contexto Regional

Grande Região: Nordeste

Estado: Alagoas

Região Geográfica Intermediária: Arapiraca

Região Geográfica Imediata: Arapiraca

Município costeiro: Não

Defrontante com o mar: Não

Região Metropolitana: Região Metropolitana do Agreste

Economia

PIB (2020): R\$ 262.373.650,00

PIB per capita (2020): R\$ R\$ 9.429,08

Ambiente

Bioma: Mata Atlântica

Sistema Costeiro-Marinho: Não pertence

Comparando dados dos Censos Demográficos

População (pessoas residentes):

2010: 25.702

2022: 23.565

Densidade demográfica em 2010: 36,82 hab/km²

Densidade demográfica em 2022: 34,57 hab/km²

Domicílios recenseados, por espécie:

2010: 8.537

Particular permanente ocupado: 6.336

Particular permanente não ocupado: 2.149

Coletivo: 6

2022: 9.978

Particular permanente ocupado: 7.354

Particular permanente não ocupado: 2.609

Particular improvisado: 12

Coletivo: 3



“Ufal, IBGE e Expedição: duas instituições, uma ação e um território. Não um simples território histórico e geográfico, mas um território ocupado pela gente alagoana e que, durante muito tempo, foi ignorado. Então, a Expedição, o IBGE e a Ufal se reapropriam desse território, reconhecem-no e trazem pra gente brasileira um pouco da sergipanidade e da alagoanidade que aqui vai representada pelos indicadores históricos e geográficos que só poderiam ser bem apropriados, como são, pelo IBGE. A Expedição é um movimento de retomada de território e reposicionamento das nossas instituições. É olhar para o umbigo do nosso povo, é olhar pra cabeça da nossa gente, é redescobrir o Brasil num momento de tantas luzes novas e esperança por um futuro melhor!”



Josealdo Tonholo, reitor da Universidade Federal de Alagoas.

“Retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania’ é a missão institucional do IBGE. Podemos dizer, então, que nosso motivo de ser está intimamente relacionado com a produção de informações fundamentais para retratar nossa sociedade. Entretanto, necessitamos fazer essas informações chegarem aos mais diversos atores da sociedade, como gestores públicos, academia, empresas, organizações de classe, bem como a toda e qualquer pessoa que detenha interesse ou necessidade. Nesse contexto, as Superintendências do IBGE em Alagoas e Sergipe se engajam diretamente nesta primeira participação do Instituto na Expedição Científica do Baixo São Francisco, marcando um novo e arrojado modo de levar à população alguns dos principais resultados produzidos pelas diferentes pesquisas que realizamos. É com este sentimento de satisfação e de atendimento pleno da nossa missão que nos unimos nesse esforço conjunto de renomadas organizações e pesquisadores que trabalham pelo desenvolvimento da ciência aplicada, capaz de gerar impactos socioambientais e econômicos, especialmente para a população e meio ambiente que circundam as margens do ‘Velho Chico’”.



Alcides Tenorio Junior, superintendente do IBGE em Alagoas.



ISBN 978-65-5624-253-8



9 78 65 56 24 25 3 8